

alfabetizar
para a

DE MO CRA CIA



José Morais

Alfabetizar para a Democracia

O que os pais modernos da “democracia” pensavam realmente dela

É crença geral que a democracia, de origem grega, veio a renascer no mundo ocidental em fins do século XVIII e princípios do século XIX. Dois esclarecimentos se impõem. O primeiro é que regimes saídos da independência norte-americana e da Revolução Francesa foram, sob certos aspectos (a participação direta na assembleia com maior poder de decisão, a duração curta da revogabilidade dos mandatos e as regras eleitorais), menos democráticos para seus cidadãos do que a democracia ateniense. Nesses regimes, que mantiveram a escravidão na metrópole (alguns países, como a Grã-Bretanha, só a mantiveram fora da metrópole), os direitos políticos e cívicos eram, como em Atenas, reservados aos homens, e, ao contrário de Atenas, o voto censitário garantia a dominação dos ricos sobre os pobres.

O segundo esclarecimento é que, a palavra democracia, se bem que mais utilizada do que nos séculos anteriores, foi usada quase sempre com um sentido pejorativo: o governo popular era considerado uma fonte de desordem. Na realidade, como bem documentou François Dupuis-Déri (2013) em seu livro *Democracia: história política de uma palavra*, os teóricos e os principais protagonistas dessas grandes transformações não pretendiam fundar uma democracia e teriam ficado muito surpresos se soubessem que hoje são considerados democratas.

O regime eleitoral é considerado, atualmente, como peça central da democracia foi fundado por antidemocratas declarados. John Adams, primeiro vice-presidente dos Estados Unidos, presidente depois de George Washington e pai de outro futuro presidente, disse que a democracia “[...] é um governo arbitrário, tirânico, sangrento, cruel e intolerável [...]” (ADAMS, 1972 apud DUPUIS-DÉRI, 2013, p. 62)” e que “[...] a simples democracia nunca teve defensores entre os homens de letras [...]” (ADAMS, 1787 apud DUPUIS-DÉRI, 2013, P.10). Ele e os outros independentistas identificavam-se à república, um regime fundado em eleições (na época, censitárias e reservadas aos homens), expressão da virtude e da legitimidade, que seduziu uma parte importante da nobreza. Democracia ainda era, então, democracia direta, apresentada como um regime em que os pobres oprimem e massacram os ricos e acaba por ser prejudicial ao próprio povo.

A soberania do povo era reconhecida em tese, desde que o seu exercício coubesse à elite. John Adams declarou que o povo é o pior guardião da própria liberdade, porque não pode “[...] nem agir, nem julgar, nem pensar, nem querer” (MORONE, 1998 apud DUPUIS-DÉRI, 2013, P. 141) e porque os representantes eleitos, como ele, são mais inteligentes do que o povo que representam. Na correspondência entre Adams e Thomas Jefferson, principal redator da Declaração da Independência e o terceiro

presidente dos Estados Unidos, foi explicitamente dito por um e pelo outro que há uma aristocracia natural, fundada no talento e na virtude, destinada ao governo das sociedades, e que a melhor forma política é a que permite identificar esses aristocratas naturais. Etimologicamente, aristocracia é o poder dos melhores. Melhores, naturalmente, são os ricos. A aristocracia estava associada a propriedade.

Trecho do livro **Alfabetizar para a Democracia**, de José Moraes. O autor é doutor em ciências psicológicas pela Universidade Livre de Bruxelas (ULB). Doutor *honoris causa* pela Universidade de Lisboa, e Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. Foi presidente do Comitê das Ciências psicológicas da Academia Real da Bélgica e membro do Observatório Nacional de Leitura (França). Disponível na Seção de Biblioteca – SB.